

# O AMIGO DO POVO.

PERIODICO POLITICO.

Publicar-se-ha duas vezes por mez: distribue-se gratuitamente ás pessoas pobres que souberem lêr e quizerem recebê-lo na typographia onde é impresso. Aceita-se assignaturas; ficando a arbitrio a importancia, que não excederá de 2,5000 reis por trimestre ou serie de 6 numeros.

A redacção só se responsabilisa pelos artigos de fundo.

Anno II.

Theresina 19 de Marco de 1870.

Numero 34

## O AMIGO DO POVO.

Theresina, 18 de Marco de 1870.

### A palavra—Republica.—

REPUBLICA quer dizer « Zelo pelos interesses legitimos d'uma nação ou d'uma colmêa, que não são os mesmos d'um *coroad* ou d'um zangão.»

RES PUBLICA, significa « negocio publico, ou interesse commum.»

Se no *imperio* ouve-se a voz singular e arrogante do *imperante*; na REPUBLICA, ao contrario, escuta-se o prolongado susurro de approvação, ou desapprovação,—a tudo que é de utilidade geral, ou a tudo que é prejudicial á communhão federativa: aqui é uma assemblêa que discute,—acolá é um individuo que ordena caprichosamente.

O « modo REPUBLICANO » é diametralmente opposto ao « modo *imperativo*.» Alli ha egualidade, e fraternidade; em vez das imposições desdenhosas e aviltantes: alli não se diz com gesto atrevido « faze! » mas—por mutuo accordo—« façamos ». Alli não se grita, com o sceptro ou o bastão em punho: « Obedece! » —porém, todos se sujeitão á lei, servindo-se desta especie de antiphona: « Que a obedecemos todos nós, — todos, sem excepção de um só, ainda o mais sabio e o mais virtuoso! » Alli não se diz á pessoa alguma « crê ou morre! » —mas sim: « Glorifiquemos, com liberdade de consciencia, a Deos e á razão; ao céu e á patria.»

Quando trata-se de tomar uma resolução necessaria, os REPUBLICANOS fallão nestes termos, pouco mais ou menos: « A nação assim o exige: com ella está a maioria sincera e rasoavel.»

O modo de fallar, na REPUBLICA, é certamente mui diverso d'aquelle que se usa no *imperio*: alli não se diz como aqui « quero e ja. » Alli falla-se ao menor numero—em nome das conveniencias da maioria; aqui, ao contrario, um só individuo constrange á maioria, que, em consciencia, pela propria dignidade humana, devemos suppor que seja numerosa; posto q' latente, ou muitas vezes pusillanime.

Na REPUBLICA não se sente necessidade da *uniformidade*—integral ou absoluta—de pensamento; o que seria a morte da liberdade,— qual a extincção da luz, por superabundancia de azeite. Lá não se conhece a absurda *acclamação unanime* de que não prescinde um *imperador constitucional*,—o qual é sempre

apaixonado pela symetria das cifras que, segundo o seu gosto, devem ser perfeitamente arredondadas: horrorisa-lhe a idéa de um bello numero fraccionado; porque— junto da *soberana unidade* acha que não é justo que nem uma outra letra de conta lhe tome a dianteira aspirando valer mais do que *um zero*!

Como é bello o magestoso—1—tendo adiante d'elle *sete zeros*, deste modo—10:000:000.

O *imperio* não admite a minima divergencia no pensamento da passiva nacionalidade: á misera *unidade plebéa*, isto é, á decima millionesima parte de um todo que valha como dez milhões,—não é licito deixar de contribuir para a « unanime acclamação » —do contrario seriarêo de lesa-symetria ou de lesa-magestade!

Na verdade, nada mais horroroso do que esta imprestavel somma—9:999:999—equivalente a uma UNIDADE DE MENOS, ou a subtracção d'uma *unidade rebelde*—anarchicamente fraccionaria!.....

Na REPUBLICA pode dar-se o sacrificio d'alguem; mas no *imperio*—todos se sacrificão, nullificando-se, mais ou menos,—excepto a *unidade soberana*, que resúme em si todo o valor real: no *imperio dos zeros* o desaparecimento da *unidade soberana* seria uma calamidade publica,—um cataclysmo arithmetico!!!

Erro crasso; ignorancia supina! Não deve haver *unidades privilegiadas*: se cortassemos a unidade que está collocada á esquerda dos *zeros*—certamente ficaríamos reduzidos a nada valer; mas se deduzissemos a *unidade palaciana*, identificando-a com a casa do ultimo dos zeros—fariamos uma bella operação: valeríamos quasi tanto como se fossemos exactamente dez milhões. A falta não seria maior do que aquella que se originasse por causa do *ostracismo* a que fosse votada alguma *unidade rebelde* ou fraccionaria, que deixasse de annuir á « unanime acclamação dos povos » —ou dos « zeros politicos » que só servem para engrandecer ás « unidades soberanas.»

Vamos concluir, n'outros termos.

Na RES PUBLICA, as abelhas trabalham muito; mas gozão do que é seu: no *imperium*, o zangão é um preguiçoso carregado de privilegios extorquidos,—e assim desfructa muito máis do que toda a colmêa devastada ou espoliada.

Na RES PUBLICA, o polen das flores converte-se em riqueza do ESTADO; no *imperium* os favos de mel não chegão para um só estomago, de homem glotão!

**Vão indo!...**

Talvez devamos felicitar aos collegas do « Piauhy » por se irem, ao que parece, pouco a pouco—illuminando!

Os collegas tiverão a « coragem civica » de não comparecer ao *Te-Deum* do dia 14 do corrente?

Isto nos tem dado muito que fazer ao intellecto; quasi tanto como aquella dureza de coração manifestada em 24 de setembro do anno passado, no palacete do capitão de policia—à rua Grande.

Nem tanto, collegas!

Não vamos ao ponto de regosijarmo-nos por occasião d'um magestático anniversario funerario (deixem passar a rima)!—assim como, não nos arrufamos com a *realeza* por não nos ter ella enviado de presente algum velho Itaúna, da laia dos Simplícios ou dos Theotonios.

*Errou* o imperador, segundo pensaes, mandando a governar a provincia—um homem moralizado, um cavalheiro distincto por suas maneiras, por seus conhecimentos, por seu espirito de justiça e tolerancia. *Errou*, vá lá que seja (concordamos com vosco que isso de moralidade só se fez para as republicas); mas o que tem o anniversario natalicio da imperatriz com os *erros politicos* de seu *augusto* esposo?

Se sois monarchistas; não sois coherentes com vossos principios, que sacrificaes a vossos—odios pessoas a um terceiro. Se sois republicanos, não vos queremos ver tão freneticos que baileis no anniversario da morte do fundador do imperio; ou que vos entristeçais no dia de annos de uma rainha a ponto de ficardes *macambuzios* por mais de 24 horas.

Nem tanto, nem tão pouco: imitai-nos, mais ou menos. Escolhei, definitivamente, uma idéa politica; para q' não andeis ahi com veleidades de *monarchismo* ou de *republicanismo*. Isto não presta: representais assim um triste papel. Sêde republicanos com franqueza, e dem-nos as mãos.

Quanto áquillo com que se comprão os *me-lões*, . . . estejaes descansados: não é incompativel com qualquer emprego publico a idéa republicana: a nação é quem paga aos seus funcionarios. O que não podeis é ser servidôres na *ucharia real*.

De mais, sois homens de bem altas aspirações.

## Transcrições.

### ● bode e a vinha.

« A vinha disse ao bode: por que me fazes mal tosando-me as folhas? não ha tanta herva? fica certo, que, por mais que me maltrates, eu produzi-rei vinho bastante para as libações quando te sacrificarem aos deuses. »

Este o apologo com que conclue o Sr. Silveira Martins um dos seus artigos, por todos admirados na *Reforma*.

O illustre Rio Grandense affirma, que a liberda-

de é mais fecunda do que a vinha, o que se prova com a historia do seculo XIX.

E' uma doce esperanza; mas, não será enganosa? Quando será sacrificado o bode?

Se o Brazil é hoje uma exeeção no mundo, e uma deshonra politica na America, não será de receiar que o bode acabe as folhas da vinha, e mate-a?

O proprio Sr. Silveira Martins nos incute serios receios n'esse mesmo artigo, quando, referindo-se ao periodo posterior á regencia, diz:

« Acastellada n'essas admiraveis instituições, a liberdade parecia forte para affrontar as pretensões do novo monarcha, que sendo um filho d'America, educado para imperador constitucional, era de presumir lhe fosse antes um defensor do que inimigo.

« Engano manifesto; por ser creado entre as galinhas, o gavião não muda de natureza; todos os Bourbons se parecem.

« O Sr. D. Pedro II, apenas tomou as redeas do governo, despediu os « tolos » que o declararam maior antes de tempo, e fez pacto de amizade perpetua com os conservadores, que se constituiram seus humildes servos, mediante a concessão que lhes foi feita de serem elles os emphyteutas do paiz. »

Ora, se o gavião ha de ser sempre gavião, quem tem razão n'este paiz?—Os radicães, ou pelo menos os *anti-bodistas* (\*). . . .

Assim, pois, não tenhamos cega confiança na fecundidade da vinha. Olho sempre no bode (\*\*). . .

( Da Opinião Nacional. )

### A Emancipação.

A grande epopéa da humanidade—a revolução franceza—proclamou os direitos do homem: liberdade, igualdade e fraternidade—era o seu lábaro.

Os *divinos* reis sentirão os thronos carunchosos vacillarem sobre o pedestal, que a ignorancia dos tempos antigos lhes tinha levantado, movidos pela magica alavanca da civilisação.

A « Marselheza » envolvendo em seu ardente turbilhão a velha monarchia franceza parecia querer arrastar de envolta as corôas de toda a Europa.

E o seculo 19 raiou sob os mais brilhantes auspícios.

As nações exultarão ao alvorecer do seculo que promettia quebrar as cadeias que os jungia aos carros reaes, e vião bem proximos os dias em que seria a lei—a vontade do povo.

A humanidade fitava a França, que parecia destinada a dar ao mundo a liberdade annunciada a 19 seculos pelo Christo em Jerusalem!

(\*) Não somos inimigos somente do *bode*; tambem temos ogeriza ás *capellas* e aos *caprêolos*: aonde põem a bocca—é uma desgraça: são anti-Christos a reproduzirem o milagre da figueira amaldiçoada.

(\*\*) Fôra menos incommodo, nos desfazermos d'elle; mandando-o, v. g. de presente a algum dos nossos conhecidos mais *ingênuos*, como bem o georgico e bucolico general Prim, que deseja ter um nas suas quintas,—aoude ha muito bacello, segundo dizem os jornaes.

( Notas do « Amigo do Povo. » )

Porém, fatalidade! essa mesma França de 93 deixou-se esmagar pelo ferreo pulso de Bonaparte, e beijou as cadeias que ambicioso genio lhe lançára.

Um bramido immenso reboou no espaço: era o povo que de novo gemia oppresso, e o rir cynico dos reis que repercutia pela velha Europa.

E hoje é triste o aspecto do mundo: pezão abutres reaes sobre tanto *cadaver-nação*, (\*) e ha ainda um paiz onde tem penetrado a luz da civilisação, que conta em suas estatisticas milhões de homens escravos!

E (proh pudor!) é a America, onde se asylo a liberdade espavorida das outras partes do mundo, que aponta em seu mappa essa mancha esqualida.

Na terra dos Lincolns e Juarez ha um throno que tem por pedestal a escravidão!

Mas a providencia parece querer de novo elevar o homem do abatimento em que jaz, e a nodada America promette em breve apagar-se.

O pedestal do throno brasileiro está prestes a desabar. Condemnada na consciencia de todos, essa satanica usurpação do mais santo direito do homem, não pôde persistir.

Emancipação—é hoje a aspiração das almas nobres; das margens do Niagara partio o grito regenerador e achou écho no coração dos povos: é chegada a hora da libertação.

As sociedades emancipadoras ja fizeram formal intimação: « libertae por vossa vontade os homens que escravizastes, se não quereis ser forçados á fazel-o. »

A razão ordena, as nações exigem e os brasileiros querem, que quanto antes seja extirpado o cancro que corróe a seiva d'este malfadado paiz: entretanto, o que fazem o monarcha e seus lacaios? Deixão em silencio a questão vital do paiz, e cerrão os ouvidos ao clamor imenso da humanidade, e ao horrivel concerto dos gemidos das victimas humanas atadas ao poste da escravidão!!

A barbara traficancia da carne humana animada pela attitude do governo, faz progressos admiraveis desde que a politica esclavocrata *assaltou as ameias do poder*.

Renovão-se as horriveis scenas do trafico interno, o sibilar do chicote desperta os echos das florestas, brasileiras manadas de homens lá seguem caminho dos açougues a que são destinados.

Não são estas as scenas que promettia ao mundo o seculo das luzes, o seculo da liberdade: poderiamos descrever de Deus e dos homens se não conhecessemos a verdade do axioma: « occultos são os tramites da providencia. »

(\*) A lista dos mais famosos *abutres reaes*, inclusive o principe de Monaco que é menos importante que o Machado da villa da Batalha, vê-se a pags. 117 e 118 da folhinha de Laemert para este anno.

Quatro dezenas de tratantes é que fazem a desgraça do mundo inteiro!

Esses taes são uns *dentes de carrapato* na chaga da humanidade; esta não sarará em quanto não for arrancado o ultimo causador de virmo....

Ah, quarenta Juarezes, armados de pinças gigantescas!... « Triumpho eterno! »

(Notas do « Amigo do povo. »)

O escravo é destinado a libertar o Brazil.

As poderosas nações que dezejão a emancipação já reconhecêrão que a corôa lhes é adversa, e que os homens que a cercão desejarão, até perjurando os tratados, empregar a esquadra nacional a importar escravos das costas d'Africa, e para conseguirem o seu nobre desideratum necessariamente apartarão do caminho, os trabalhos que o dificultaram.

Então raiará para o Brazil a aurora da emancipação, e da liberdade.

Assim, homens retrogradados; accautellai-vos, defendei o vosso poder, ameaçado pelo generoso estrangeiro. Tomando quanto antes medidas no sentido da emancipação, e se tendes algum patriotismo não consintaes que se realise a ameaça de Labculaye, e a historia diga:

O Brazil, ultimo paiz q' emancipou os escravos, foi obrigado pelas potencias estrangeiras a realizar a grande idéa humanitaria, que o sentimento do vil interesse não lhe permittio abraçar livremente.

E' bastante ter-nos sido imposta a abolição do trafico. Não consintão os brasileiros que tambem o seja a emancipação — ainda mesmo que el-rei o queira!

M. M.

(Do Jequitinhonha.)

## Parte Noticiosa.

**Horribilissimo!**—No dia 8 deste mez, na chefatura de policia, forão judicialmente examinados OS ESCRAVOS FERRADOS do *philanthropico* Clemente de Souza Fortes, cujo nome votamos á execração publica.

O escravo Romualdo tem na fronte estampada a palavra—ES CRAVO.—e alem disso as orelhas furadas com vasador, como se fossem lóros de selim!!!

O escravo Evaristo tem a marca de—*cativo*—em lettras um pouco mais finas que a de seu irmão e companheiro de infortunios.

Os estigmas forão feitos com pique de agulhas e pó de caco de cuia queimado: são indeleveis.

Os infelizes *escravos ferrados* são de côr parda, seccos de corpo e de rosto, pequena estatura, quasi sem barbas &.

Um d'elles, o de nome Romualdo, acaba de ser comprado ao anthropophago, pelo coronel João do Rego Monteiro d'esta cidade.

Pobre Brazil! Cobre o teu rosto perante a propria Cafraria! . . . .

Até mesmo as serpentes e os tigres de tuas florestas immensas—terião pejo de se dizerem patricias de um ferrador de creaturas humanas,—de um surrador de homens livres e de outros monstros de egual jaez. . . . .

A cascavel e a cangussu não gostarião que as comparassem com semilhantes centopeias bipedes, verdadeiros abortos da natureza.

Laboulaye, Laboulaye !

Estê paiz é tão fértil que produz Horacios Ribeiros e Clementes Fortes; mas, que culpa tem o solo?

Não amaldiçoeis por isso o nome brasileiro; sêde porém inexoravel—contra os esclavocratas.

**França.**—Lemos n'um jornal da Bahia o seguinte facto.

« O *Constitutional* refere que Pedro Bonaparte n'uma carta ao Sr. ROCHFORT, lhe censura tel-o insultado pessoalmente pela penna e pelos seus manejos.

« Hontem ( 9 de janeiro ) Victor Noir e Ulrich Fouvielle forão á casa do principe como mandatarios de Pascal Grusset, autor do artigo da *Marseillaise*. Sendo introduzidos no salão, Bonaparte perguntou-lhes se erão os mariolas ( ah, biltre ! ) mandados pelo Sr. ROCHFORT; então Victor Noir ( bem empregado ) deu uma violenta bofetada no principe, e Fouvielle prevendo sem duvida uma resposta, tirou um revolver do seu paletot.

« Em presença de uma aggressão tão violenta, o principe arrancando rapidamente uma pistola da sua panoplia, fez fogo contra Noir, o qual ferido, ganhou a escada do palacio, cahindo morto no fundo.

« O ministro da justiça ( pobre Sr. Olivier ! ) ordenou que prendessem ( que maravilha ! ) immediatamente Pedro Bonaparte.

« O imperador approvou ( um homem *sincero* como aquelle... ) semelhante medida. A instrução do processo já começou »—e ROCHFORT é quem será condemnado !!!

A sentença contra o assassino de Victor Noir será parecida com a do conego hespanhol que matou a um sapateiro: « Durante um anno não lhe será permitido pegar em revolvers !... »

Se as cadêas tivessem sido feitas para essa gente de sangue azul,— não haveria um só Bajazet que não estivesse engaiolado: Napoleão III seria calçeta, por exemplo.

**Napoleão III.**—Este grão tratante, sobrinho do maior sanguinario do seculo, e primo do assassino de Victor Noir,—acaba de dotar a pobre França com uma *solemne promessa de liberdade*.

O crepusculo do dia 2 de dezembro de 1851 foi a final, custosamente, debruado com o arrebol de 27 de dezembro de 1869 !... »

O que dirieis de um ladrão, que havendo furtado 450 milhões a uma nobre familia,—depois encontrasse esta em grande penuria e se lembrasse de mimoseal-a com umas 450 libras esterlinas?...

Oh, munificencia real ! ! ! !

Os netos da gente roubada devêrião, agradecidos, beijar as mãos do seu bem feitor,—pois não !

E ha quem se enthusiasme *pindaricamente* pelo recente acto de *magnanimidade* d'aquelle bigodes de linha de sapateiro !

**Companhia de seguros.**—Consta-nos que Ignace Manellis e Man'el-Antonis—riquissimos CAPITALISTAS de Oeiras e S. Gonçalo—tencionão fundar uma companhia de seguros contra *quebradeiras e quebraduras*.

E' necessario saber-se, porem, que—os socios que não forem os fundadores da companhia, deverão entrar com *fundos* e sahir com *fundas*.

Informão-nos mais que, para ser-se presidente da directoria da companhia exige-se a nobre qualidade de *quebrado em duplicata*.

Como ha-de ser ?

Ora, como ha de ser !

Perguntem ao Corrêa de Lenha...

- Com hernias e tranquibernias
- Ou velhacadas que taes, . . . .
- Com bolsas perto dos bolsos,
- Que nem os *marsupiaes* !
- Fingindo que n'um bisaco
- Traz dinheiro *adiantado*
- E AMARRADO... N'UM SACCO !

**A escravidão no Brasil.**—Fomos obsequiados pelo Sr. Presalindo Lucas de Lery Santos com o seu interessante folheto sob aquelle titulo: agradecemos a offerta, e sobre tudo as bondadosas expressões com que se dignou enviar-nos sua obra, pequena no volume, é certo; mas grande na idéa generosa e civilisadora.

**Liberdade de consciencia.**—O illustado Sr. Dr. Aprigio Justiniano da Silva Guimarães distinguio-nos com o offerecimento d'um exemplar do seu importante discurso sobre aquelle thema.

E' desnecessario elogial-o: tudo quanto escreve o Sr. Dr. Aprigio é digno de lêr-se e de meditar-se. Agradecemos a offerta.

**O algodão e a sua cultura.**—Honrou-nos a illustrada redacção do *Brasilian World* com o offerecimento de um seu opusculo, mui notavel, sobre aquella utilissima planta e o seu cultivo.

Somos summamente agradecidos ao « Mundo Brasileiro. »

**Belarmino de Mattos.**—Fallecêo no dia 27 de fevereiro ultimo, na cidade de S. Luiz, o Manuce maranhense,—um dos mais illustres impressores do Brazil; aquelle que fazia florescer admiravelmente, na provincia visinha, a arte typographica, rivalisando na nitidez das suas edições com as melhores obras francezas.

E' uma perda muito sensivel.

Sentimo-nos ainda abalados por essa triste noticia, que nos chegou ha alguns dias.

Foi um homem UTIL, e por consequencia superior a um principe !

Deos o tenha entre os dilectos de divina graça e resplandecente gloria. E' digno da *petua*,—aquelle que, por meio de s... amou-a tambem entre os homens,

**Missa fúnebre.**—A que os residentes nesta cidade vão mandar celebrar de Belarmino de Mattos, na segunda ferrente ás 7 horas da manhã—terá log dos *educandos artifices*, e não na egreja como foi annunciado na « *Imprensa* » de rente.